

# DE VIAGENS E TRAVESSIAS: ESCRITURA SEM MORADA FIXA E AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA

**Livia Santos de Souza\***

 <https://orcid.org/0000-0003-4406-5415>

**Como citar este artigo:** SOUZA, L. S. de. De viagens e travessias: escritura sem morada fixa e autoria feminina contemporânea. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-13, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT16606>

**Submissão:** 2 de novembro de 2023. **Aceite:** 6 de maio de 2024.

**Resumo:** Pensar a literatura norte-americana contemporânea implica, necessariamente, refletir sobre a pungente produção identificada com as distintas comunidades migrantes que conformam o país. Nesse contexto, inúmeras vozes femininas têm se dedicado a narrar a experiência diaspórica não em seus idiomas maternos, mas sim no inglês aprendido como segunda língua. O presente artigo tem por objetivo traçar pontes entre narrativas com essas características, adotando como elemento articulador tanto o deslocamento geográfico quanto o linguístico. Para tanto, serão trabalhados contos de duas escritoras contemporâneas de origem caribenha: Achy Obejas e Edwidge Danticat. Partindo das noções de translocalidade, translinguismo e transculturalidade trabalhadas por Otmar Ette, pretendo explorar como a literatura produzida por mulheres no âmbito da diáspora caribenha adiciona ainda o fator gênero a essa dinâmica de complexos trânsitos performada pelas literaturas sem morada fixa.

**Palavras-chave:** Literatura comparada. Literatura contemporânea. Diáspora. Estudos de migração. Escrita de autoria de mulheres.

\* Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), Foz do Iguaçu, PR, Brasil. E-mail: [42liviadesouza@gmail.com](mailto:42liviadesouza@gmail.com)

## INTRODUÇÃO: SOBRE MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E VOZES FEMININAS

**P**esquisas no campo dos estudos migratórios têm apontado não apenas um aumento sem precedentes nos fluxos internacionais de pessoas, como também uma igualmente intensa mudança no perfil desses sujeitos em deslocamento. Se por décadas o perfil do migrante, especialmente no contexto interamericano que me interessa no presente artigo, era majoritariamente composto de homens em idade laboral em busca de ascensão econômica no norte do continente, o que se observa hoje é um aumento substancial nos números de pedidos de refúgio e asilo, assim como de migrações motivadas por uma combinação de fatores que agora incluem, além de economia e política, elementos ambientais.

Outra transformação muito significativa no terreno das migrações nas Américas hoje é sua crescente feminização. Cada vez mais as mulheres têm deixado seus países em busca de melhores condições de vida em outros territórios. Embora esses fluxos tenham também se diversificado em termos de destino, o Brasil, por exemplo, cresceu como país receptor de migrantes em escala local, os deslocamentos em direção ao norte global ainda representam o trânsito mais comum nesse contexto. Esse crescimento pode ser explicado em parte pela comoditização dos trabalhos relacionados ao cuidado, tradicionalmente designados na lógica patriarcal às mulheres, assim como pela demanda por mão de obra industrial especialmente barata (Bonifacio, 2012).

A constatação dessas mudanças gera algumas questões, uma das que me interessam especialmente pode ser formulada da seguinte forma:

- Como esse giro de gênero nas migrações nas Américas nas últimas décadas se relaciona com a literatura?

Para explorar esse questionamento, optei por partir de obras escritas por duas autoras que experimentaram esse deslocamento e que escolheram fazer dele um tema relevante para sua produção artística, ambas de origem caribenha e ambas residentes nos Estados Unidos: a cubana Achy Obejas e a haitiana Edwidge Danticat.

Essa pergunta se justifica na medida em que dialoga diretamente com uma característica frequentemente associada à literatura caribenha, sua mobilidade. De fato, existe uma grande tradição relacionada ao movimento no campo dos estudos de literatura caribenha, o mote da viagem, do trânsito, está presente com enorme força na obra de nomes hoje considerados clássicos para a compreensão das letras dessa região como Antonio Benítez Rojo ou Édouard Glissant. Pensar a literatura caribenha diaspórica escrita por mulheres implica dialogar com essa tradição, pensando agora o lugar do gênero nessa equação.

Para ensaiar hipóteses para esse problema de pesquisa a partir das escritoras já mencionadas, optei por selecionar dois contos: “We came all the way from Cuba so you could dress like this?”, do livro homônimo de Obejas (1994), e “Children of the sea”, incluído no volume *Krik? Krak!* publicado por Danticat (1996). O primeiro texto, marcadamente autoficcional, conta, a partir de uma complexa sobreposição temporal, a chegada e a jornada de uma família cubana aos Estados Unidos no período pós-revolução. Já o segundo conto, também sobrepondo temporalidades e territórios, narra a história de um casal separado pela violência da ditadura de Duvalier nos anos 1980. Ambos os contos narram

travessias tanto factuais quanto simbólicas e, embora tenham também em comum a condição migrante de suas autoras, fazem do deslocamento mais do que um elemento biográfico. Ao cruzarem constantemente limites geográficos, linguísticos e temporais, acredito que esses contos passam a se encaixar no que Otmar Ette (2018) descreve como escrituras “sem moradia fixa”.

As reflexões de Ette servirão como bússola para minha leitura desses textos. Na primeira parte do artigo, pretendo refletir sobre como a diáspora caribenha contemporânea, entendida aqui como um movimento translocal, se elabora nos contos. Mais do que meramente descreverem viagens, esses textos operam um trânsito constante de um espaço a outro, entre uma temporalidade e outra, e são exemplos poderosos de narrativas multissituadas. Ambos os contos são ainda muito eficientes em demonstrar como as dinâmicas de poder patriarcais, ou seja, o elemento gênero, atuam nesses deslocamentos.

Na segunda parte, pretendo explorar o deslocamento linguístico nos textos. Ambas as autoras escrevem em inglês, e pretendo explorar essa escolha tanto a partir de seu significado político e cultural quanto a partir das possibilidades poéticas que ela implica para os textos. Dessa forma, pretendo refletir sobre os vários recursos translíngues empregados pelas autoras, ainda que seus textos, pelo menos aparentemente, não possam ser descritos como multilíngues. Adotando o paradigma pós-monolíngue (Yildiz, 2012), debruço-me sobre a complexidade linguística

Por último, mas não menos importante, pretendo discutir o deslocamento transcultural. Mais do que apresentar diferentes culturas em contato, seu choque, os embates que decorrem dessas situações de deslocamento, nos contos selecionados as personagens cruzam constantemente os limites de diferentes culturas. Os textos demonstram como os sujeitos dessas literaturas sem morada fixa mais do que fraturados são duplos, para usar um termo também empregado por Ette. Quando descrevem esses atravessamentos culturais, Obejas e Danticat mais uma vez estão falando de papéis determinados por questões de gênero, suas vozes narrativas estão constantemente questionando os lugares em que são colocadas por serem mulheres. Abordo ainda nessa seção como o próprio ato de escrever quando se é uma mulher diaspórica pode ser lido como um exercício transcultural.

Metodologicamente o presente estudo pode ser descrito como comparatista. A opção pela literatura comparada como abordagem se dá inicialmente pela necessidade de aproximação dos contos que compõem o *corpus*, mas também porque inegavelmente essa área dos estudos literários foi a primeira a se interessar pela literatura transnacional como objeto de estudo (Jay, 2021). Em diálogo com os estudos comparativos, entram ainda contribuições da crítica feminista, assim como dos estudos de migração e da tradução. Assim, de maneira análoga à trama dos contos analisados neste artigo, proponho também um deslocamento por distintas áreas das humanidades.

## **INSULARIDADE LITERÁRIA: A DIMENSÃO TRANSLOCAL**

A insularidade é uma das características mais frequentemente mencionadas da literatura caribenha. Não poderia ser de outra forma, pois pensar nessa região tão particular do mundo é necessariamente pensar em ilhas. Assim, a ilha se torna um mote para a discussão sobre isolamento e integração, uma vez que

esses espaços tão complexos podem ser compreendidos como microcosmos em si, ao mesmo tempo que só podem ser compreendidos a partir do diálogo que estabelecem com outros espaços, sejam eles insulares ou não. Uma ilha só existe, portanto, em uma situação de relação, para usar um termo caro a Glissant (2022).

Dada sua insularidade, a literatura caribenha não pode se elaborar de outra forma senão móvel. E o sentido de mobilidade que emprego aqui é múltiplo, ele se expressa tematicamente, com toda a certeza, mas também de várias outras formas, pelas quais pretendo transitar a partir dos contos que compõem o *corpus* deste artigo.

Tanto “We came all the way from Cuba so you could dress like this?”, escrito por Achy Obejas (1994), quanto “Children of the sea”, de Edwidge Danticat (1996), apresentam um símbolo comum que representa de maneira bastante direta a ideia de deslocamento: o barco. Em ambas as narrativas, esse meio de transporte é empregado como um espaço cênico muito relevante:

*Tenho dez anos. Acabei de sair do barco – ou melhor, do navio. O barco mesmo não resistiu: fomos resgatados na metade do caminho entre Havana e Miami por um cargueiro de petróleo enorme ao qual nosso barco foi amarrado. Foi assim que nosso barco foi destruído: suas placas de madeira quebravam como palitos de dente enquanto batia no grande casco de metal do navio. [...] Então, o barco que trouxe a mim e meus pais por grande parte do caminho de Cuba até aqui é agora apenas parte dos destroços que serão trazidos pela maré até as praias de turistas por todo Caribe (Obejas, 1994, p. 108)<sup>1,2</sup>.*

*Não sei quanto tempo ficaremos no mar. Há outras trinta e seis desertas almas comigo neste pequeno barco. Brancos lençóis com manchas vermelho-brilhantes flutuam à medida que navegamos (Danticat, 1996, p. 8)<sup>3,4</sup>.*

Os trechos citados, retirados do início dos contos, demonstram como esse objeto desempenha um papel central para as narrativas. No caso do texto de Obejas, a viagem de barco é o acontecimento que possibilita todo o desenvolvimento posterior da trama, já que se trata de um texto sobre a experiência diaspórica cubana nos Estados Unidos. O conto “We came all the way from Cuba so you could dress like this?” se estrutura a partir da alternância entre trechos em que são narrados momentos imediatamente posteriores à chegada da família da personagem-narradora a episódios posteriores de sua vida, como o momento em que ela ingressa no ensino superior, algumas de suas experiências amorosas e sexuais mais marcantes e sua jornada para voltar a Cuba.

O barco na narrativa de Obejas, dessa forma, funciona como uma metáfora da própria ilha e da viagem que não termina com a chegada aos Estados Unidos, mas segue acontecendo no território norte-americano. Dessa forma, o deslocamento dessa protagonista, tanto geográfico quanto identitário, linguístico e cultural,

1 Todas as traduções do conto de Achy Obejas foram retiradas da versão da dissertação de Érika Rowinski (2022).

2 “I’m ten years old. I just got off the boat – or rather, the ship. The actual boat didn’t make it: We got picked up halfway from Havana to Miami by a gigantic oil freighter to which they then tied our boat. That’s how our boat got smashed to smithereens, its wooden planks breaking off like toothpicks against the ship’s big metal hull. Everybody talks about American ingenuity, so I’m not sure why somebody didn’t anticipate that would happen. But they didn’t. So the boat that brought me and my parents most of the way from Cuba is now just part of the debris that’ll wash up on tourist beaches all over the Caribbean.”

3 Todas as traduções do conto de Danticat foram retiradas da dissertação de Daniel Aldo Soares (2009).

4 “I don’t know how long we’ll be at sea. There are thirty-six other deserting souls on this little boat with me. White sheets with bright red spots float as our sail.”

é apresentado no conto não de forma linear, mas sim a partir desse entrecruzamento constante que caracteriza as literaturas sem morada fixa.

De maneira semelhante, “Children of the sea” também se estrutura de forma fragmentada. O conto, escrito em segunda pessoa e, portanto, simulando a escrita epistolar, alterna pontos de vista entre um jovem que, para escapar da perseguição política da ditadura de Duvalier, entra em um barco em direção aos Estados Unidos e sua companheira, que permanece no Haiti. O barco aqui, diferentemente do texto de Obejas, funciona como espaço de enunciação de metade da narrativa. A viagem, que nunca chega a se concluir, é o ponto a partir do qual se tece a história.

A permanência geográfica representada pela voz da personagem feminina no Haiti, no entanto, não implica uma ausência de deslocamento. Pelo contrário, o deslocamento só é possível porque existe essa referência de quem fica. O barco pode ser lido, portanto, no conto de Danticat como o objeto que possibilita a própria existência da ilha.

As narrativas de Obejas e Danticat, nesse sentido, se constroem em uma dimensão translocal, como afirma Ette (2018, p. 17), já que promovem uma “ligação entre duas paisagens, na verdade muito distantes uma da outra”, porém a partir de estratégias narrativas bem diferentes. Em “Children of the sea”, essa sobreposição se estrutura sobretudo pela memória. Em um dos trechos que assumem o ponto de vista do personagem que viaja, ele relata: “Quando embarquei, pensei que ainda pudesse sentir o cheiro do sêmen e da inocência perdida em nossos lençóis” (Danticat, 1996, p. 8)<sup>5</sup>. Mesmo estando no mar, em pleno deslocamento, a narrativa se vincula à terra, à pessoa amada que ficou. O mesmo movimento ocorre também no sentido inverso, no desfecho do conto, a personagem que permanece no Haiti; e cercada por borboletas que simbolizam o parceiro que se foi, uma clara mensagem de sua morte.

Essa dualidade espacial se apresenta pela memória, mas também traz em si um forte caráter sensorial. Da mesma forma que em Danticat a voz narrativa descreve a presença dos cheiros que vêm desse outro espaço, em Obejas (1994, p. 110) o tato ganha centralidade:

*Agarro-me à sensação do toque daquela boneca – fria e dura – e ao fato de que a voluntária católica está tentando fazer com que eu troque meu suéter verde por um casaco de flanela cinza com o desenho de uma bandeira dos Estados Unidos hasteada. Eu me embrulho cada vez mais naquele suéter que, a esse ponto, cheira a sal e poeira de Cuba e à casa da minha vó, e a voluntária católica gentilmente aperta meus ombros e sai, pensando, tenho certeza, que eu estava traumatizada pela viagem em águas revoltas. Minha mãe esboça um sorriso para mim do outro lado da sala<sup>6</sup>.*

O toque da boneca, associado à frieza e à dureza estadunidense, constrói uma oposição muito significativa com o suéter quente, sujo, que, ao carregar em si a poeira de Cuba, presentifica a ilha nesse novo território.

5 “When I got on board I thought I could still smell the semen and the innocence lost to those sheets.”

6 “All I hold onto is the feel of the doll – cool and hard – and the fact that the Catholic volunteer is trying to get me to exchange my green sweater for a little gray flannel gym jacket with a hood and an American flag logo. I wrap myself up tighter in the sweater, which at this point still smells of salt and Cuban dirt and my grandmother’s house, and the Catholic volunteer just squeezes my shoulder and leaves, thinking, I’m sure, that I’ve been traumatized by the trip across the choppy waters. My mother smiles weakly at me from across the room.”

Ambos os contos são exemplos, portanto, do que Ette (2018, p. 15) descreve como estruturas transespaciais, uma vez que podem compreender-se como “marcadas por constantes travessias e cruzamentos de diversos tipos de espaço”. São textos diaspóricos que conseguem traçar com muita precisão a complexa trama dos fluxos migratórios observados nas últimas décadas entre América Latina e Caribe. São ainda textos muito hábeis na desconstrução do estereótipo do fazer a América, furtando-se de idealizar os Estados Unidos como terra de oportunidades infinitas.

### ESCREVENDO COM SOTAQUE: O TRÂNSITO LINGÜÍSTICO

Uma outra dimensão bastante significativa do deslocamento humano se faz presente com muita força na literatura de autoria migrante: o trânsito lingüístico. Como afirma Mary Louise Pratt (2014, p. 242):

*Quando as pessoas se mudam, sua linguagem muda com elas. Assim, do ponto de vista lingüístico, a migração pode ser imaginada como uma redistribuição das aptidões lingüísticas, algo que está ocorrendo neste exato momento no planeta com uma amplitude e em uma escala sem precedentes.<sup>7</sup>*

Dessa forma, não é surpreendente que autoras que experienciaram a migração ainda na infância, como é o caso tanto de Obejas quanto de Danticat, produzam suas obras no idioma do país em que cresceram e foram escolarizadas. Essa opção, no entanto, não pode ser enxergada como um tipo de traição ou como uma escolha motivada apenas por demandas do mercado editorial, como aponta com alguma frequência a crítica ainda presa a ideias hegemônicas sobre língua materna e literatura nacional. Escrever em um idioma diferente da língua materna é uma decisão coerente com a situação de “redistribuição das aptidões lingüísticas” descrita por Pratt (2014).

Cabe observar, no entanto, que o inglês no qual escrevem essas autoras é ele também uma língua hibridizada, marcada pela presença de sua outra (ou outras, no caso haitiano) língua materna. Assim, da mesma forma que na literatura de Obejas e Danticat vemos uma sobreposição de espaços, podemos também observar uma sobreposição, muitas vezes bastante sutil, de idiomas. Evelyn Nien-Ming Ch'ien (2004) denomina essa forma tão complexa de trabalhar a língua inglesa de *weird English*. Escrever em um inglês estranho, assim, não significa a incapacidade de mimetizar o idioma nativo, mas sim uma apropriação muito consciente do hibridismo lingüístico como elemento constitutivo de uma poética escritural móvel, própria do que aqui estamos chamando de literaturas sem morada fixa.

O procedimento translingüístico mais imediatamente identificável nesse sentido sem dúvida é o emprego de termos e construções em espanhol, francês e *kreyòl* pelas autoras:

*– Haiti est comme tu l'as laissé. sim, justamente do jeito que você deixou (Danticat, 1996, p. 9)<sup>8</sup>.*

7 *“Cuando las personas se mudan, su lenguaje se muda con ellas. Así pues, desde el punto de vista lingüístico, la migración puede imaginarse como una redistribución de las aptitudes lingüísticas, algo que está sucediendo ahora mismo en el planeta con una amplitud y en una escala sin.”*

8 *“– Haiti est comme tu l'as laissé. yes, just the way you left it.”*

– *Se simplesmente eu pudesse matar: se eu conhecesse alguma boa magia wanga* (Danticat, 1996, p. 10)<sup>9</sup>.

– *Alaba’o, eu quase não te reconheci* (Obejas, 1994, p. 121)<sup>10</sup>.

– *Meu pai, que agora trabalha num banco, vai resmungar: ¿Qué qué?* (Obejas, 1994, p. 121)<sup>11</sup>.

A presença textual dessas outras línguas se dá em alguns contextos distintos nas obras. Existem os casos de termos intraduzíveis para a língua inglesa, como é o caso de *wanga*, um termo que forma parte da tradição afrorreligiosa do vodú haitiano, ou de *Alaba’o*, uma grafia oralizada da expressão cubana *alabado*, que, ao sintetizar *alabado sea dios*, expressa surpresa, admiração. Essas ocorrências são exemplos de como existe um limite na tradução da experiência.

Em outros casos, no entanto, a presença do espanhol e do francês se dá em contextos em que a língua inglesa seria completamente capaz de expressar a mesma ideia. No caso de Danticat, a autora inclusive se vale do recurso da tradução na sentença seguinte, bastante recorrente na literatura escrita por autores migrantes. O emprego dessas outras línguas parece aqui obedecer não apenas a uma demanda estilística, mas também política: manifestar a presença desses outros idiomas na literatura que se escreve em língua inglesa. Tal recurso, dessa forma, tem efeitos estéticos e também funciona como um fator desestabilizador da ideia de literatura nacional monolíngue.

As formas como se elaboram esse inglês estranho, para retomar o conceito de Ch’ien (2004), no entanto, nem sempre são tão óbvias. Achy Obejas, por exemplo, não poderia nunca ser identificada com o fenômeno derivado do *codeswitching*, popularmente conhecido como *Spanglish*, e Danticat, embora inclua vocabulário e sentenças em francês e *kreyòl ayisyen*, também escreve em uma variedade perfeitamente compreensível para um falante monolíngue de inglês.

De que outras formas se manifestam então o translinguismo nos contos de Obejas e Danticat? Acredito ser importante nesse sentido explorar como esses são textos que já nascem traduzidos, nos termos propostos por Walkowitz (2015). Tanto “We came all the way from Cuba so you could dress like this?” quanto “Children of the sea” são textos que, embora compostos em inglês, representam interações que, no universo ficcional, acontecem em outro idioma. Suas vozes narrativas, portanto, não apenas narram, como seria de se esperar, mas também em alguma medida operam um procedimento tradutório igualmente ficcional. Escritores que produzem literaturas sem morada fixa se tornam, dessa forma, também mediadores transculturais. Os exemplos de trechos escritos em francês e espanhol em contextos em que o inglês seria suficiente anteriormente mencionados são também um recurso que possibilita que o leitor compreenda que essa operação de tradução está sendo levada a cabo.

Por último, outro movimento translinguístico presente na literatura sem morada fixa se dá na própria elaboração de discursos sobre a linguagem. No conto de Obejas, esse procedimento ocorre em pelo menos duas situações. Na primeira delas, a voz narrativa menciona como seu inicial desconhecimento da língua

9 “– If only I could kill, if I knew some good wanga magic.”

10 “– Alaba’o, I almost didn’t recognize you.”

11 “– My father, who works in a bank now, will gasp: ¿Qué qué?”

inglesa a colocou em uma turma especial na escola: “Coisas como meu péssimo desempenho num teste de QI, já que eu não falava inglês, o que fez com que me jogassem numa turma de educação especial, da qual só consegui sair no Ensino Médio quando alguém, finalmente, percebeu que eu não deveria estar ali” (Obejas, 1994, p. 120)<sup>12</sup>.

Ao descrever essa situação que pode apenas ser compreendida como reflexo da xenofobia própria das instituições educativas nesse período, Obejas deixa claro como o trânsito linguístico não se dá sempre de forma pacífica, conciliadora. Assim, o translinguismo emerge também no eixo temático, em narrativas em que a mobilidade ocupa centralidade.

Em outro trecho do conto, a personagem que narra “We came all the way from Cuba so you could dress like this?” vai utilizar o trânsito linguístico para refletir sobre sua também fluida identidade sexual:

*O garoto da academia militar vai falar oh baby baby enquanto força seu quadril em mim. E Martha e todas as garotas antes e depois dela, aqui nos Estados Unidos dirão oooooohhhh oooooohhhh enquanto meus dedos as exploram por dentro.*

*Mas na primeira vez em que faço amor com uma cubana, uma escritora exilada politicamente controversa de alguma reputação, ela dirá, Aaaaaayyyyyyaaaaaayyyyyyaaaaay e vai me puxar do meio de suas pernas pelos cabelos, e a saliva, como espuma do mar, entre a minha boca e seus cachos brilhosos (Obejas, 1994, p. 123)<sup>13</sup>.*

O discurso sobre a linguagem aqui se articula a uma situação em que apenas os sons da língua têm relevância. Muito embora não se possa atribuir nenhuma diferença de significado entre oooooohhh e aaaaaayyyyyy, fica claro que a narradora atribui um papel identitário à língua, associando-a nesse contexto ao corpo e à *performance* sexual.

## TRANSCULTURALIDADE E PAPÉIS DE GÊNERO

Gloria Anzaldúa (2015), em *Light in the dark/Luz en lo oscuro*, apresenta a fronteira não apenas como uma linha que divide dois países, mas também como um espaço em que diferentes culturas coexistem e se chocam. A fronteira se torna, nesse contexto, um lugar de fricção, de cruzamento, um *locus* de “resistência, de ruptura, de implosão e explosão, bem como de recompor os fragmentos e criar uma nova assemblagem” (Anzaldúa, 2015, p. 49)<sup>14</sup>. A teórica e poeta chicana utiliza um nome proveniente da tradição náuatle para denominar artistas que produzem suas obras a partir de espaços de trânsito cultural: *neplantera*.

Essa definição tão cara ao feminismo de mulheres racializadas nos Estados Unidos me parece profundamente adequada para descrever o último aspecto do deslocamento que pretendo explorar a partir dos textos de Edwidge Danticat e Achy Obejas: a associação entre transculturalidade e papéis de gênero.

12 “Things like my doing very poorly on an IQ test because I didn’t speak English, and getting tossed into a special education track, where it took until high school before somebody realized I didn’t belong there.”

13 “The boy from the military academy will say oh baby baby as he grinds his hips into me. And Martha and all the girls before and after her here in the United States will say oohhhh oooooohhhh oooooohhhh as my fingers explore inside them. But the first time I make love with a Cuban, a politically controversial exile writer of some repute, she will say, Aaaaaayyyyyyaaaaayyyyyyaaaaay and lift me by my hair from between her legs, strings of saliva like sea foam between my mouth and her shiny curls.”

14 “resistance, of rupture, of implosion and explosion, and of putting together the fragments and creating a new assemblage.”

Ette (2018, p. 22) define transculturalidade como um conjunto de “práticas de movimentos que cruzam diferentes culturas: de um constante saltar entre as culturas, sem que se possa identificar uma relação estável e fixável como uma única cultura ou grupo cultural”. Escritores migrantes são, em decorrência de sua experiência com a mobilidade, sujeitos que performam cotidianamente essa variedade do deslocamento. No caso específico de escritoras, esse cruzamento cultural recebe ainda o peso dos papéis de gênero comumente atribuídos à mulher.

“Children of the sea” apresenta alguns exemplos bastante significativos nesse sentido. Trata-se de um conto que representa uma divisão aparentemente bastante tradicional de gênero. Enquanto o homem vítima de perseguição política tem autonomia para deixar o país, para empreender a viagem que possibilitaria a migração, a personagem feminina é mantida no espaço doméstico sob o olhar vigilante e controlador dos pais.

A protagonista feminina desenvolvida por Danticat, no entanto, longe de reforçar estereótipos de gênero, demonstra-se uma personagem forte, capaz de reconhecer o sistema de repressão que a aflige e de se rebelar contra ele, representado tanto pelo regime político violento quanto por sua estrutura familiar conservadora:

*Papa encontrou suas fitas. ele começou a gritar comigo, perguntando se eu estava louca por guardá-las. ele só está esperando a interdição da venda de gasolina ser suspensa, para que possamos então sair da cidade. ele está sempre me amolando nestes dias por não poder sair dirigindo sua van. todas as fábricas americanas estão fechadas. ele continuou gritando comigo por causa das fitas. ele me chamou de egoísta e perguntou se eu não tinha visto ou ouvido falar acerca do que acontecia com putas loucas por homem como eu. gritei que eu não era uma puta. não era da conta dele me chamar daquilo. ele me empurrou contra a parede por desrespeitá-lo (Danticat, 1996, p. 11)<sup>15</sup>.*

Nesse trecho, a personagem-narradora relata o violento embate com seu pai quando ele descobre que ela segue guardando material de oposição ao regime de Duvalier. Seu pai não é um apoiador, sequer um simpatizante do ditador, mas desconta na filha a tensão que sente nesse momento de terror político no Haiti.

Guardar as fitas pode ser compreendido no âmbito da narrativa não apenas como um ato de resistência, mas também como um símbolo do trânsito político cultural da personagem. Convivendo com distintas concepções de país, ela se recusa a deixar morrer a memória da atuação política do homem que ama e valores que para ela também são caros. Sua agência, no entanto, está circunscrita aos limites impostos por sua realidade sócio-histórica.

Em “We came all the way from Cuba so you could dress like this?”, o trânsito cultural também pode ser observado a partir do embate familiar. A personagem-protagonista do conto, profundamente envolvida com o momento de efervescência cultural do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, parece empreender uma viagem tão significativa quanto a que a trouxe de Cuba ao seu país de adoção:

15 *“Papa found your tapes, he started yelling at me, asking if I was crazy keeping them, he is just waiting for the gasoline ban to be lifted so we can get out of the city, he is always pestering me these days because he cannot go out driving his van. all the american factories are closed, he kept yelling at me about the tapes, he called me selfish, and he asked if I hadn't seen or heard what was happening to man-crazy whores like me. I shouted that i wasn't a whore, he had no business calling me that, he pushed me against the wall for disrespecting him.”*

*Em 1971, eu virei da Universidade de Indiana, onde tenho uma bolsa para estudar optometria, para passar o dia de Ação de Graças em casa. Será a primeira vez em meses que eu não terei nenhum protesto antiguerra para ir, nenhuma participação na conscientização sobre alguma causa nem nenhum encontro para a liberação gay para liderar.*

*Alaba'o, eu quase não te reconheci, dirá minha mãe, puxando as franjas da minha jaqueta de camurça enquanto prometia consertar os buracos na minha calça jeans boca-de-sino. Meu suéter verde estará em algum lugar no armário do meu quarto na casa deles (Obejas, 1994, p. 117)<sup>16</sup>.*

O deslocamento agora, no entanto, evidentemente deixa de ser geográfico e se torna cultural. Mais uma vez, estamos diante de uma mulher que se recusa a atender às demandas patriarcais familiares e que faz de um elemento cotidiano, as roupas que veste, assim como o ato de guardar fitas, uma forma de explicitar essa ruptura. Cabe destacar que não pretendo com essa afirmação equiparar opressão de gênero com cultura, mas sim demonstrar que, ao romperem com expectativas de gênero e transitarem entre universos culturais distintos, as mulheres estão mais vulneráveis a respostas violentas, muitas vezes originadas dentro de seus próprios lares:

*Cuspiu em minha cara. Desejei que aqueles macoutes o matassem. Desejei que ele fosse baleado, para que então pudéssemos ver o quão assustador ele realmente era (Danticat, 1996, p. 12)<sup>17</sup>.*

*Nós saímos de Cuba para você se vestir assim? meu pai perguntará sobre os ombros da minha mãe.*

*E pela primeira e única vez na minha vida, eu direi, Olha, você não veio por mim, você veio por você mesmo; você veio porque todos seus clientes ricos estavam indo embora e você ia acabar como caixa na loja de materiais de construção do seu pai se não fosse embora, okay?*

*[...] Meu Deus, ele só foi embora porque Fidel o derrotou naquela competição estúpida de natação quando eles eram crianças.*

*E então meu pai, por cima dos ombros magros da minha mãe, me agarra pela minha bandana vermelha em volta do meu pescoço e me joga no chão, me chuta sem parar, até que eu lembre somente da voz da minha mãe [...]* (Obejas, 1994, p. 117-118)<sup>18</sup>.

As duas personagens são agredidas fisicamente por suas figuras paternas e encontram, em seus respectivos repertórios, formas de responder a essa violência, sem, no entanto, colocarem-se no mesmo lugar de seus perpetradores. De maneira semelhante, ambas vão explicitar a covardia dos pais: no caso da protagonista de Danticat, enunciando a incapacidade de enfrentar o regime que oprime

16 "In 1971, I'll come home for Thanksgiving from Indiana University where I have a scholarship to study optometry. It'll be the first time in months I'll be without an antiwar demonstration to go to, a consciousness-raising group to attend, or a Gay Liberation meeting to lead.

*Alaba'o, I almost didn't recognize you, my mother will say, pulling on the fringes of my suede jacket, promising to mend the holes in my floor-sweeping bell-bottom jeans. My green sweater will be somewhere in the closet of my bedroom in their house."*

17 "He spat in my face, I wish those macoutes would kill him. I wish he would catch a bullet so we could see how scared he really is."

18 "We left Cuba so you could dress like this? my father will ask over my mother's shoulder.

*And for the first and only time in my life, I'll say, Look, you didn't come for me, you came for you; you came because all your rich clients were leaving, and you were going to wind up a cashier in your father's hardware store if you didn't leave, okay? [...]* Christ, he only left because Fidel beat him in that stupid swimming race when they were little.

*And then my father will reach over my mother's thin shoulders, grab me by the red bandanna around my neck, and throw me to the floor, where he'll kick me over and over until all I remember is my mother's voice [...]"*

a família; no caso da voz narrativa de Obejas, explicitando os reais motivos que desencadearam o anticastrismo do pai.

A transculturalidade relacionada a essas duas narrativas pode ainda ser observada fora das relações internas ao texto. É possível enxergar como exercício transcultural, como uma atitude neplantera para repetir o conceito de Anzaldúa (2015), a própria escritura e publicação desses contos no contexto norte-americano.

Danticat faz uma opção inegavelmente política ao abordar a violência do regime Duvalier. Ela o faz, no entanto, desde uma perspectiva marcadamente feminista, ao dar centralidade na narrativa à denúncia das situações de extrema violência a que mulheres haitianas foram submetidas nesse período histórico. Seu texto, no entanto, se recusa a cair em binarismo fácil, demonstrando como a lógica de subordinação feminina estava presente também na intimidade familiar.

Achy Obejas elabora um texto que desde o início desconstrói todo tipo de binarismo maniqueísta. Ao problematizar a posição dos que se propunham a denunciar a violência do regime socialista cubano, ela adota uma postura bastante polêmica dentro de sua comunidade. A postura desafiadora vai mais além quando a voz narrativa opta por também questionar as expectativas da heterossexualidade compulsória, incluindo o homoerotismo feminino como parte significativa de sua poética escritural.

Assim, da mesma forma que na reflexão sobre o trânsito linguístico, tentei demonstrar como Danticat e Obejas atuam como tradutoras em seus próprios textos, nesta seção quis evidenciar que essa atitude mediadora também se repete no âmbito cultural. O próprio ato de escrever sobre suas respectivas culturas já configura esse movimento, e quis demonstrar ainda que esse movimento transcultural não se dá em um vazio político, ambas as narrativas se constroem em uma perspectiva de resistência feminista, questionando valores patriarcais e denunciando dinâmicas de violência e opressão que se reproduzem em âmbitos diversos da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jhumpa Lahiri (2014, p. 43), uma escritora também migrante, também translíngue e também transcultural, afirma, em um de seus romances, que migrar é estar em “uma espera perpétua, um fardo constante, um sentimento contínuo de indisposição”. Essa descrição tão dura me parece especialmente adequada para compreender a abordagem da mobilidade por escritoras como Achy Obejas e Edwidge Danticat, não apenas porque ambas de fato não abrem espaço para qualquer visão idealizada ou romantizada dos deslocamentos humanos no mundo contemporâneo, mas também porque, quando se associa o migrar a uma condição necessariamente feminina, a gravidez, é possível observar como os papéis de gênero ainda recaem com muita força sobre as mulheres que deixam seus pais ou que permanecem neles à espera de alguém que migrou.

Minha principal ambição com este artigo foi tentar demonstrar como o deslocamento na obra de autoras caribenhas e latino-americanas como Edwidge Danticat e Achy Obejas faz de sua literatura um exemplo da escritura sem morada fixa descrita por Ette (2018, p. 16) não meramente por tratarem de fluxos migratórios contemporâneos como tema, mas também porque “perpassam e cruzam a oposição entre literatura nacional e mundial, sem terem de se submeter à sua lógica excludente e exclusiva”. Ao sobrepor espaços, línguas e culturas,

essas autoras se inscrevem em um espaço literário transnacional, integrando tanto a literatura cubana e a haitiana, respectivamente, quanto a literatura norte-americana.

Acredito ainda que nomes como os trabalhados neste artigo são também parte da literatura latino-americana como um todo e que, portanto, devem passar a integrar o *corpus* de pesquisa e de ensino de professores e investigadores que se dedicam a essa literatura. Se estamos experimentando um aumento sem precedentes nos números de pessoas em trânsito hoje, é urgente que as narrativas escritas por sujeitos que vivenciaram o deslocamento tenham suas vozes não apenas ouvidas, mas efetivamente consideradas.

Muito se fala na heterogeneidade latino-americana, mas a realidade de seu ensino e sua pesquisa no Brasil ainda se limita bastante à produção dos grandes centros hispanofalantes, com algum pontual esforço de inclusão das letras brasileiras. Um olhar mais integrador à realidade caribenha e à diáspora latino-americana na América do Norte de forma mais ampla é, portanto, um movimento de reconhecimento de afinidades temáticas, estéticas e estilísticas, e, também, um movimento político, que subverte a lógica hegemônica do norte do continente como essencialmente branco, cisgênero, anglo-saxão e protestante. Considerar e integrar essas literaturas sem morada fixa é, portanto, um exercício anticolonial.

#### **OF TRAVELLING AND CROSSING: LITERATURES-WITHOUT-A-FIXED-ABODE AND CONTEMPORARY WOMEN'S AUTHORSHIP**

**Abstract:** To think about contemporary American literature necessarily implies reflecting on the poignant production identified with the different migrant communities that make up the country. In this context, countless female voices have dedicated themselves to narrating the diasporic experience not in their mother tongues, but in an English learned as a second language. The present work aims to draw bridges between narratives with these characteristics, adopting both geographic and linguistic displacement as an articulating element. To this end, the present article aims to work with short stories by two contemporary writers of Caribbean origin: Achy Obejas and Edwidge Danticat. Based on Otmar Ette's notions of translocality, translanguaging and transculturality, I intend to explore how literature produced by women within the Caribbean diaspora also adds the gender factor to this dynamic of complex transits performed by literature without a fixed abode.

**Keywords:** Comparative literature. Contemporary literature. Diaspora. Migration studies. Women's writing.

#### **REFERÊNCIAS**

- ANZALDÚA, G. *Light in the dark/Luz en lo oscuro: rewriting identity, spirituality, reality*. Durham: Duke University Press, 2015.
- BONIFACIO, G. (org.) *Feminism and migration: cross-cultural engagements*. London: Springer, 2012.
- CHIEN, E. N.-M. *Weird English*. Massachusetts: Harvard Press, 2004.
- DANTICAT, E. *Krik? Krak!* New York: Vintage Books, 1996.

- ETTE, O. *Escrever entre mundos: literaturas sem morada fixa*. Curitiba: Editora UFPR, 2018.
- GLISSANT, Ê. *Poética da relação*. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.
- JAY, P. *Transnational literature: the basics*. New York: Routledge, 2021.
- LAHIRI, J. *O xará*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- OBEJAS, A. *We came all the way from Cuba so you could dress like this?* Pittsburgh: Cleis Press, 1994.
- PRATT, M. L. *Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística*. *Cuadernos de Literatura*, v. XVIII, n. 36, p. 238-253, jul./dic. 2014.
- ROWINSKI, Ê. *Identidades e diásporas latino-americanas na literatura: uma análise sobre o conto “We came all the way from Cuba so you could dress like this”, de Achy Obejas*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.
- SOARES, D. A. *Crítica e tradução: do discurso ao interdiscurso. A tradução do conto “Children of the sea”, de Edwidge Danticat, 2009*. Dissertação (Mestrado em Letras: Crítica Literária) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.
- WALKOWITZ, R. *Born translated: the contemporary novel in an age of world literature*. New York: Columbia University Press, 2015.
- YILDIZ, Y. *Beyond the mother tongue: the postmonolingual condition*. New York: Fordham University Press, 2012.